

MEMORIAIS DE FORMAÇÃO: um caminho para dar “sentido” ao saber.

Lisley Cristina Gomes da Silva ¹
UNIBR - Faculdade de S. Vicente
gomeslisley@yahoo.com.br

RESUMO:

O presente texto é parte integrante da minha dissertação de Mestrado em Educação realizado na Universidade Católica de Santos – UNISANTOS, sob a orientação da Prof^a Dr^a Maria Amélia Santoro Franco, que tinha como objetivo principal desvelar a formação dos Pedagogos, sob a ótica dos formandos. Utilizou-se a abordagem metodológica da pesquisa/formação, fundamentada em Formosinho e como instrumentos de coleta de dados “memoriais de formação” (relatos de vivências). Para análise dos dados utilizou-se uma adaptação do Discurso do Sujeito Coletivo e da Otobiografia. Pode-se compreender com este trabalho a relevância da história de vida dos indivíduos na construção dos saberes, e a importância desse quesito quando formamos profissionais da educação.

Palavras – chaves: Memoriais de formação; histórias de vida; profissionais da educação

ABSTRAT:

This text is part of my master's degree dissertation in Education at Universidade Católica de Santos – UNISANTOS. It had been assisted by the Professor Maria Amélia Santoro Franco and its main goal was show the real meaning of pedagogue's forming, using the student's point of view. The text had used the methodology of the research / forming, reasoned in Formosinho, and as tools to collect information “experience reports”. To analyze the information was used an adaptation of the Collective Subject's Speech and Otobiography. It is possible to understand with this article the relevance of the people life story's for building the knowledge and how that is important to forming the education professionals.

Key words: experience reports; life story's; education professionals

¹ GOMES, Lisley C. da Silva - Mestre em Educação pela UNISANTOS, professoras Universitária UNIBR.

Introdução:

O presente texto é parte integrante da minha dissertação de Mestrado em Educação realizado na Universidade Católica de Santos – UNISANTOS, sob a orientação da Profª Drª Maria Amélia Santoro Franco, que tinha como objetivo principal desvelar a formação dos Pedagogos, sob a ótica dos formandos. A pesquisa se deu numa instituição privada localizada na Baixada Santista, Litoral Sul do Estado de São Paulo, Brasil.

Diante disso, buscou-se analisar a formação do Pedagogo diante das vivências decorridas em sua vida, desvelando significações e sentidos emergentes nesse processo de formação.

Cabe esclarecer que entendo “vivências” como sendo experiências de vida que deixam marcas nos indivíduos e que interpelaram as suas concepções, crenças e atitudes, além de influenciar as escolhas e transformações que ocorreram no indivíduo durante o seu percurso de vida.

Vivências são pessoais e individuais, o mesmo fato pode representar uma vivência para um determinado indivíduo e não significar nada para outro. São as vivências que nos sermos o que somos.

Vivência implica em refletir sobre fatos, analisar as causas e conseqüências provocadas pela experiência vivida, trazer a tona alegrias e sofrimentos emergente da mesma, significa reconhecer nessa experiência um sentido.

Portanto vivências são formativas, e contribuem para a formação pessoal e profissional dos indivíduos, pois segundo Monteiro (2004) vivências constroem conhecimentos.

Para poder efetuar a pesquisa sobre os pressupostos de vivências, foi necessário buscar um instrumento de coleta de dados compatível, que garantisse as especificidades propostas e um reconhecimento científico, foi quando por meio dos estudos de Monteiro (2004), deparei com os memoriais de formação, instrumento utilizado pelo autor, e resolvi utilizá-lo também.

Memoriais de formação, são relatos de vivências decorrentes do processo de vida dos indivíduos relatados pelo próprio indivíduo.

Entende-se por memoriais de formação uma narrativa/reflexiva da história de vida dos sujeitos, relacionadas à questão profissional, uma espécie de autobiografia, que segundo Severino,

... deve dar conta dos fatos e acontecimentos que constituíram a trajetória acadêmico-profissional de seu autor, de tal modo que o leitor possa ter uma informação completa e precisa do itinerário percorrido (SEVERINO 2001,

p.175).

Memorial é, portanto, a narrativa da própria história que é constituída ao longo dos tempos por meio de experiências significativas que ficaram registradas na memória e que nos remete a reflexões.

Quando se pensa em formação de pedagogos, há de se pensar também nas práticas pedagógicas que serão desencadeadas e responsáveis por essa formação e que podem oportunizar vivências formativas à esses profissionais, e mais, resgatar as vivências que de certa forma já estão internalizadas e são responsáveis pelas crenças e convicções impregnada no sujeitos.

De acordo com Ghedin e Franco (2008), o ser humano é criador e transformador de seus contextos, de forma que a historicidade é uma condição para a compreensão do conhecimento e da realidade, o resultado do processo histórico constituído por meio das intervenções decorrentes e oriundas desse próprio processo, fator esse que legitima o instrumento utilizado na coleta de dados.

Para a análise dos dados, foram utilizados os estudos de LEFÈVRE (2005) e FEBRÔNIO (2010), referentes ao discurso do sujeito coletivo, e de MONTEIRO (2004) sobre a otobiografia.

Entende-se por Discurso do Sujeito Coletivo, uma forma de organização sistemática de dados coleados por meio de depoimentos de um vários de sujeitos. Esses dados são agrupados de acordo com idéias similares a qual dá-se o nome de idéia central e/ou expressões-chaves, e essas dão origem a um discurso síntese do grupo. Esse discurso síntese passa a ser a voz do coletivo.

Para a compreensão dessa voz do sujeito, utilizei a otobiografia, ou seja uma escuta sensível do texto escrito.

Desenvolvimento do Trabalho:

Essa pesquisa foi desenvolvida sob os pressupostos da abordagem metodológica da Pesquisa/Formação, uma vez que a pesquisadora também era docente da instituição e ministrava a disciplina Práticas Pedagógicas para os sujeitos da pesquisa. O grupo era composto por vinte e cinco alunos, inseridos numa faixa etária bem diversa, entre 22 e 60 anos.

Para proceder a pesquisa solicitou-se aos alunos que elaborassem um memorial formativo, abrangendo três itens básicos ao qual denominamos de categorias prévias. A primeira categoria consistiu em relatar a história de vida de cada um, a vida pessoal e a

educação, o que levou cada um a escolher essa profissão; na segunda categoria o enfoque foi dado a contribuição do curso para a sua formação; e por fim, como eles definem o “ser pedagogos”.

Embasando teoricamente a pesquisa

A partir da compreensão de que são nossas vivências que nos fazem ser o que somos, percebi que se fazia necessário desencadear vivências nesse processo de pesquisa, e essas vivências deveriam ser formativas, ou seja, despertar nos sujeitos compreensões referentes a experiências significativas que deixaram marcas em seu percurso de vida, vinculando-as à formação do Pedagogo. Acredito que a formação desse profissional deve ser focada na reflexão e compreensão em primeira instância do “eu” para depois poder compreender a relação desse “eu” com o outro e, consecutivamente, com o mundo.

Franco dá respaldo a essa afirmação quando argumenta que: “A mediação entre pesquisa educacional e ação reflexiva docente deverá ser a base da nova epistemologia da prática, uma vez que o professor só pode constituir-se seu saber-fazer, a partir de seu fazer refletido e contextualizado historicamente” (FRANCO, 2005, p. 44).

Em discussão dessa questão no grupo de pesquisa desse programa de mestrado (ao qual quero referendar a valiosíssima contribuição à construção de meus conhecimentos e a realização dessa pesquisa), surgiu a hipótese de realizar uma pesquisa/formação.

Buscando compreender essa abordagem de pesquisa me apoiei nos estudos desenvolvidos por Formosinho (2002). A autora trabalha com pesquisa/formação ou pesquisa em contexto como a denomina, e esses estudos são focados para a educação infantil, em grupos de formação continuada.

Segundo a autora, a pesquisa/formação se pauta numa perspectiva construtivista, porém quem a usa “molda-a” com sua intencionalidade e realidade. Entende-se por perspectiva construtivista o processo em que se coloca o sujeito como portador de conhecimentos preliminares adquiridos em contextos diversificados, porém com sentidos próprios, e a aquisição de novos conhecimentos é desencadeada a partir de uma mediação do pesquisador, desafiando e instigando o sujeito a construção desses novos saberes a partir e sua própria ação.

A relação sujeito/objeto dentro dessa perspectiva assume uma subjetividade de forma que o pesquisador e os pesquisados interagem e criam o processo da pesquisa. Esse processo se dá por meio de comparações e contradições das construções individuais argumentadas e discutidas no coletivo, gerando assim a organização coletiva de um novo conhecimento.

A pesquisa/formação permite que a prática pedagógica se torne objeto de investigação, visando à profissionalidade docente, e confere à formação estatuto científico. Esse parece ser, segundo a autora, “o caminho para a construção de um novo perfil profissional que investiga a prática pedagógica” (FORMOSINHO, 2002, p. 164).

Segundo Monteiro (2004) vivências são experiências de vida que deixam marcas nos indivíduos e que interpelaram as concepções, crenças, atitudes, e influenciaram as escolhas e transformações que ocorreram durante o seu percurso de vida.

Aproprio-me nesse momento da pesquisa dos estudos elaborados por Oliveira (2009) sob a orientação de Monteiro, pois a mesma, em sua dissertação de mestrado fez uma busca por ocorrências sobre o tema vivências nos escritos do filósofo Friedrich Nietzsche, podendo reportar a ele o conceito de vivência.

Nesse resgate das ocorrências nas obras de Nietzsche, a autora discorre que a “...primeira afirmação encontrada é que as vivências constroem conhecimentos e as que são mais instrutivas são as cotidianas” (OLIVEIRA 2009, p. 32), dessa forma pode-se referendar as vivências ocorridas no percurso de vida de um indivíduo o fator desencadeador de sua individualidade, é por isso que se faz necessário trazer à tona toda a trajetória de vida do indivíduo.

Segundo MONTEIRO (2004, p. 35) “...de certo modo, Nietzsche propõe o projeto socrático, expresso sob o conhecido *conhece-te a ti mesmo*, entretanto sobre bases investigativas diferentes”. Segundo o autor esse conhecer-te a ti mesmo está relacionado ao trazer à tona aquilo que se é, a própria individualidade, e essa individualidade está relacionada mais a quantidade de vivências que se tem do que a qualidade dessas vivências.

São nossas vivências que nos faz ser quem somos. Considerando essa afirmação, é importante deixar claro que, minhas vivências interferirão na análise dessa pesquisa, pois faço a minha interpretação dos dados, gerando uma análise subjetiva. Isso também é presente em Nietzsche, quando relata que “... a produção de um autor é sempre marcada pelas suas vivências” (OLIVEIRA 2009, p. 33).

Ter vivências não significa apenas passar por fatos, mas sim refletir sobre eles, sentir a “dor” e o “sabor” desse acontecimento, identificar suas conseqüências e digerí-los. Quando não temos vivência sobre um fato, rapidamente esse será substituído por outro mais recente, não fazendo portanto sentido algum em nossa vida.

Quando se pensa em formação de pedagogos, há de se pensar também nas vivências, pois se somos o que vivenciamos se faz necessário oportunizar vivências a esses profissionais, e mais, resgatar as vivências decorrentes da individualidade desses profissionais, contribuindo assim para a formação desses pedagogos. A construção dos memoriais partiu desse

pressuposto.

Apresentação dos dados coletados

Após o término dos memoriais me deparei com uma grande quantidade de dados coletados e a impossibilidade de trabalhar com os vinte e cinco memoriais individualmente. Insatisfeita em utilizar apenas uma amostragem dos dados, busquei uma metodologia a qual pudesse convalidar meus dados de forma condensada, sem perder as significações. Utilizei portanto o Discurso do Sujeito Coletivo.

O Discurso do Sujeito Coletivo é uma metodologia de organização dos dados coletados por meio de depoimentos de vários sujeitos, unificando-os sob o rigor de uma idéia central e/ou expressões-chave, de modo que surja a coletividade sobre aquela questão, ou seja é um tipo de soma de discursos. As falas individuais e semânticas encontrada nos diversos discursos dão origem a um discurso de sujeito coletivo, ou um discurso síntese.

“Partindo do pressuposto que o pensamento coletivo pode ser visto como um conjunto de discursos sobre um dado tema, o Discurso do Sujeito Coletivo visa dar a luz ao conjunto de individualidades semânticas componentes do imaginário social. O Discurso do Sujeito Coletivo é, em suma, uma forma ou um expediente destinado a fazer a coletividade *falar* diretamente” (LEFÈVRE, 2005 p.16).

O Discurso do Sujeito Coletivo é muito utilizado em pesquisas de representações sociais, portanto serão feita algumas adaptações a essa metodologia.

Utilizar-se-á como base as “expressões-chaves e as “idéias-centrais”, as quais conceitua-se consecutivamente como:

“... pedaços, trechos ou transcrições literais do discurso, que devem ser sublinhadas, iluminadas, coloridas pelo pesquisador, e que revelam a essência do depoimento” (LEFÈVRE, 2005 p.17).

As expressões-chaves são consideradas como provas concretas dos discursos, e por meio delas que se constroem o Discurso do sujeito Coletivo.

“... a idéia central é um nome ou expressão lingüística que revela, descreve, de maneira mais sintética, precisa e fidedigna o sentido de cada um dos discursos analisados. Essas idéias centrais poder ser resgatadas através de discrições diretas revelando o que foi dito, ou indiretas ou mediadas, que revelam o tema do depoimento sobre o que o sujeito está falando” (LEFÈVRE, 2005 p.17).

Além dessas duas figuras de compilação de dados fundamentada em Lefèvre, criei uma terceira figura, a qual denomino de síntese.

Síntese passa a ser portanto a compreensão do pesquisador sobre os dados relatados

pelos sujeitos da pesquisa, ou seja, a síntese passa a ser a voz do sujeito coletivo. Essa síntese emerge dos pontos de concordância e semelhanças descritos pelos sujeitos e transcritos para expressão-chave e idéia central.

Para a construção do Discurso do Sujeito Coletivo, as categorias prévias elencadas para a elaboração dos memoriais serão retomadas e utilizadas como referências para posterior categorização, visto que por se tratar de relatos pessoais a diversidade de assuntos é grande, o que permitiria diferentes abordagens, porém optou-se por explorar os relatos no que refere-se as três categorias prévias.

Essas categorias prévias estão formatadas no modelo de tabela, de forma que cada tabela corresponderá a uma categoria prévia, que dará origem a uma síntese. A análise dos dados se procederá a partir das sínteses, ou seja da construção do discurso do sujeito coletivo.

Para tanto, busquei a partir da voz do sujeito relatadas nos memoriais e sintetizada no Discurso do Sujeito Coletivo, utilizei a técnica da Otobiografia para proceder a análise.

O conceito de otobiografia foi criado por Jacques Derrida, e reconfigurado por Monteiro em sua tese de doutorado, em 2004. Consiste num método onde o objetivo é ouvir a vida implicadas nos textos relatados pelos sujeitos (as vivências), numa escuta sensível, de modo que se possa conhecer esse indivíduo através de seus relatos, pois os mesmos são permeados pelas idiossincrasia² de seus autores

Otobiografia, ouvir a vida escrita. Oto – ouvido; Bio – vida; grafia – escrita. Não é terapia, na otobiografia as palavras escritas são analisadas e não o sentido oculto contido nelas. Buscam-se no texto, vivências responsáveis por transformações e escolhas.

Monteiro (2004) utiliza como metáfora, o labirinto do ouvido, pois a otobiografia não é linear, é um caminho repleto idas e voltas, num diálogo contínuo com o que foi produzido, buscando despertar reflexões, e gerar interpretações. “ Esse processo é sinuoso, ondulante, diria mesmo: tortuoso, porém audível, assim como o labirinto membranoso permite a audição humana” (MONTEIRO 2004, p.70).

Escutar, portanto é caminhar por entre essas curvas e ondulações buscando desvendar as significações contidas no relato, na autobiografia, significações essas reveladas pelas vivências.

A otobiografia possui alguns pressupostos que a legitimam e a sustentam. Um deles é que a escrita é a síntese, de acordo com o pensamento de Nietzsche, relatado por Monteiro (2004), de modo que só escrevemos sobre aquilo que superamos, portanto vivências

2 Peculiaridade do comportamento característico de um indivíduo, predisposição particular.

efetivadas, e somente por conta disso é que podemos ouvi-las.

A escrita é compreendida como o momento de identificação, da convergência entre a formação pessoal e profissional do indivíduo. É num processo de fala, escrita e reescrita que novas significações podem ser dadas as vivências efetivadas. “Esse ato reflexivo de atribuir novo sentido às vivências é considerado como momento fecundo de auto formação e é intencionalmente proposto pelo método” (OLIVEIRA 2009, p.24).

Outro pressuposto utilizado pela otobiografia é que vivências geram conhecimento, portando vivências são formativas. Caso não seja encontradas vivências nos relatos feitos pelos indivíduos, significa que esses, apenas reproduzem um discurso absorvido durante o processo de formação e que o mesmo não gerou conhecimento significativo ao indivíduo.

A otobiografia de acordo com Monteiro (2004), prestigia o autor e a sua trajetória de vida, entendendo como verdade para o autor aquilo que ele relata, não sendo portanto uma fala universal e generalizável. Vivência portanto é a interpretação da vida do próprio sujeito.

Trabalhando sob o olhar desses pressupostos, busquei “ouvir” o discurso do sujeito coletivo, analisando as questões pertinentes que emergem dos dados e que são inerentes a esse tema de pesquisa.

Diante desses posicionamentos e da complexidade axiológica pertinente a educação de forma geral, houve a necessidade de adequação/mesclagem dos métodos de análise, o que gerou um movimento de idas e vindas entre a síntese elaborada para o discurso de sujeito coletivo, e a otobiografia diretamente dos relatos individuais geradores do discurso do sujeito coletivo.

Porque isso. Lembrando que os instrumentos de pesquisas eram vinte e cinco memoriais, e que esses obtinham um contingente de informação gigantesco, se fez necessário numa análise preliminar, compactá-los, e para isso usou-se o método do “discurso do sujeito coletivo” que já foi detalhado anteriori. A meu ver, esse método reproduziu uma singularidade restrita e estanque porém, importante para esse momento, pois foi dessa maneira que emergiram as categorias de análise. Esse método possibilitou uma certa filtragem dos dados.

O problema era que esse método não estava me permitindo um aprofundamento nos relatos individuais que por muitas vezes era necessário, visto que vivências são individuais. Nesse momento portanto, fez-se uso da “escuta sensível” (otobiografia), pluralizando novamente os dados, porém mantendo-os como oriundo do discurso do sujeito coletivo, tratando-os na primeira pessoa do singular e sem identificação.

Ou seja, foi por meio da copilação dos dados, do método do discurso do sujeito coletivo que emergiu as categorias de análise e são depois aprofundadas pela otobiografia.

Sendo assim a análise se pautou em três eixos norteadores (categorias): a descontinuidade da escolaridade; construção de saberes; identidade do pedagogo. Nesse artigo dou ênfase as questões correlatas a construções de saberes.

As práticas do curso (a construção do memorial)

Observei nos dados coletados uma grande incidência referenciando a construção dos memoriais como uma prática pedagógica relevante e significativa para o sujeito dessa pesquisa, fato esse que me despertou curiosidade, então busquei aprofundar essa inferência. A construção do memorial se deu a partir de vivências formativas desenvolvidas em sala de aula, como relata um dos sujeitos da pesquisa, *Memorial... Lembranças, experiências, vivências, saudades. Tudo aquilo que de certa forma me marcou.*

Para Charlot, aprender corresponde a um movimento dialético referente à necessidade interna e externa, de forma que se aprende para suprir/resolver situações externas; situações externas desenvolvem no ser a necessidade de aprender. “Aprender é um movimento interior que não pode existir sem o exterior – reciprocamente, ensinar (ou formar) é uma ação que tem origem fora do sujeito, mas só pode ter êxito se encontrar (ou produzir) um movimento interior no sujeito” (CHARLOT, 2001, p. 26).

Charlot ainda completa, relatando que aprender é uma construção pessoal, individual, que é consolidada com a intervenção do outro, porém essa intervenção só terá sucesso se o indivíduo estiver num processo de construção. “Toda relação com o saber é também relação consigo, (...) com o outro” (CHARLOT, 2001, p. 27).

Nesse ínterim, compreendo que a elaboração do memorial permitiu ao sujeito a relação de interiorização/exteriorização, pois havia a presença do sujeito em construção e a pesquisadora como elemento interventor.

Toda relação com o saber também tem uma relação com o mundo. O sujeito possui uma relação específica com o mundo em que ele desenvolve uma atividade, onde acontecimentos estão ligados a sua história. No entanto, essa relação pode ser ampliada, outros “mundos” podem ser oferecidos e conhecimentos apreendidos de acordo com sua escolha pessoal.

Partindo dessa colocação, reporto-me novamente às etapas de construção do memorial que permitiram a exposição, discussão e reflexão de cada memorial no grupo maior, ou seja, “mundos” diferentes sendo expostos e compartilhados, e, ao mesmo tempo, aprendizados sendo absorvidos coletivamente. A descoberta e a construção de um novo ser. E, como relata Monteiro (2004, p.36), “... vivências compartilhadas criam vínculos entre pessoas, uma vez

que podem comunicá-las entre si”.

Após ter feito o memorial percebi que trago comigo na minha personalidade muita coisa que vivi, agora estou começando a enxergar a vida com outros olhos. (...) estou pronta para cair e levantar sempre que for necessário, pois a vida é uma só e ainda tenho muito para viver.(...)com memorial pude perceber me tornei uma pessoa mais responsável, segura e independente. Independente nas atitudes, nos resultados, em ter um direcionamento.

Retornando a Charlot (2001, p.28), o ocorrido descrito acima se constitui a “... relação com o mundo do sujeito”, uma relação seletiva hierarquizada de sentido e de valor. E ainda:

...para apropriar-se de um saber, é preciso introduzir-se nas relações que permitiram produzi-lo. O essencial não é repetir a própria atividade tal como ocorre ou ocorreu, mas adota, durante a atividade de aprendizagem, a postura (relação com o mundo, com o outro, e consigo)que corresponde a essa atividade humana. (CHARLOT, 2001, p. 28)

Adorei fazer esse memorial me fez lembrar os motivos das minhas escolhas, meus medos e até evoluções.(...) quando criança sempre brincava de escolinha, sempre gostei de cuidar de crianças, e quando trabalhei em creche tinha o sonho de ser professora.(...) Relembrando e escrevendo em relação a mim mesma, sem sombras de dúvidas voltei ao tempo, revivi coisas há muito esquecidas.(...) A construção do memorial contribuiu para minha formação, pois relembrei fatos que marcaram a minha vida, além de temas que foram importantes.

A partir desse relato, compreendi que elaborar o memorial foi para esse sujeito um regresso a sua história, e, ao mesmo tempo, uma compreensão da mesma. O sujeito pôde perceber que fez evoluções. O sujeito referenda o memorial como contribuinte para sua formação. Formação essa já analisada anteriormente e percebida como pessoal e profissional.

Compreendi que o memorial se fez relevante nesse processo de formação, pela integração proporcionada entre o sujeito singular e social, ou seja, apesar do “aprender” ser um processo singular, ele sempre está relacionado ao social. Esse sujeito singular está inserido numa sociedade, interfere nela e sofre interferência da mesma, portanto o “aprender”, como relata Charlot (2001, p.28), “... é sempre uma relação social”.

Acredito que para que se possa compreender o outro, faz-se necessário antes compreender a si mesmo, foi o que observei que ocorreu na elaboração do memorial.

Encontrei nos dados coletados indícios que convalidam que adquirir-se conhecimentos a partir do momento que se participa da ação, correlacionando-os a fatores como necessidades, curiosidades, ou até mesmo para sobrevivência.

O curso contribui tanto na minha vida profissional como pessoal, pois cada dia que passa me sinto mais a vontade na minha profissão, minha formação muda a cada dia. (...) os conhecimentos adquiridos durante esse curso foram significativos tanto que consigo aplicá-los sempre que necessário.

De acordo com esse relato sobrescrito, percebe-se que os saberes aprendidos e apreendidos fazem sentido a ele. Segundo Charlot (2001, p. 16), “... o que é aprendido só pode ser apropriado pelo sujeito se despertar nele certos ecos: se fizer sentido para ele”. Concordo com Charlot, pois acredito que todo saber tem que ter um sentido impregnado.

Para que ocorra o saber, há a necessidade de que o sujeito se mobilize para isso, coloque-se à disposição desse saber, mas não se pode desconsiderar a questão de que essa mobilização se dá num ser humano, com desejos próprios e envolvidos em relações sociais diversas.

Os saberes sempre estão vinculados ao sujeito-desejo e sujeito-social, a construção do sujeito e a sua socialização, como enfoca Charlot (2001), ou seja uma relação dialética, uma conexão entre sujeito/saber, saber/sujeito. “Aprender é apropriar-se do que foi aprendido, é tonar algo seu, é interiorizá-lo. Contudo, aprender é também apropriar-se de um saber, de uma prática, de uma forma de relação com os outros e consigo mesmo... que existe antes que eu a aprenda, exterior a mim” (CHARLOT, 2001, p 20).

Quando um indivíduo aprende ele se apodera de um determinado patrimônio humano, no qual idéias, filosofias e práticas do cotidiano estão inseridas, e que a apropriação de uma ou de outra relação com o mundo depende dos próprios sentidos estipulados por esse sujeito e vinculados a essa relação.

Diante dessa concepção, a apropriação só pode ocorrer mediante um processo de reflexão do indivíduo, de um trazer à tona, puxar nas lembranças “pré-conceitos” anteriormente adquiridos, e revê-los sob uma nova ótica, um novo prisma, uma nova vivência.

Durante o curso obtive algumas vivências e elas contribuíram para eu pensar de forma diferente, ver as coisas diferentemente e aprender opinar, ser crítico e deixar de se o receptor de informações e passar a ser um edificador de idéias.(...)Analisando minha vida e tudo que passei e vivenciei, percebo o quanto a Pedagogia foi importante para mim, consigo agora olhar para o meu passado e me compreendo melhor.(...)Contribuiu muito e positivamente no meu crescimento e entendimento como ser humano.

Pude perceber que o sujeito coletivo enfatiza em seus relatos a compreensão adquirida sobre o ser humano, sobre poder ser um ser “pensante”, crítico e portador de ideias próprias. São bem presentes nesses relatos a sua formação pessoal e o vínculo que ele faz com as experiências que já vivenciou. É a sua construção enquanto sujeito, é o sentido dado a sua existência.

Para Houssaye (2004, p.33), “ ...a pessoa em formação se apresenta como ‘maciça’,

plena de sua realidade, portadora de toda a sua vivência, pouco distanciada de todo seu mundo”, é nessa razão que a prática deve se instituir promovendo, ainda segundo o autor, experiências articuladoras na continuidade ou ruptura, aquisição e prova de novidades, reelaboração de vivências por meio de reflexões e aberturas para incertezas, conforme afirma o sujeito coletivo desta pesquisa, *“saio dessa faculdade com novos saberes, conhecedor de coisas que ignorava, ampliando conhecimentos antes adquiridos. O Curso nos faz pensar, para irmos buscar as respostas das dúvidas que temos”*.

Dessa forma, o sujeito é participante e ativo no processo de construção do conhecimento, ele faz, pensa sofre o que fez, consolida e/ou cria novas formas de fazer, resultando assim, num saber. Saber esse apropriado e incorporado pelo sujeito, pois ele criou uma relação com esse saber, ele deu sentido a esse saber. É um processo dialético entre sujeito/saber e saber/sujeito. “... atividade docente é uma prática social, historicamente construída, que transforma os sujeitos pelos saberes que vão se constituindo, ao mesmo tempo em que os saberes são transformados pelos sujeitos dessa prática” (FRANCO, 2009, p.13).

Esse sujeito, portanto, conhece, aprende, produz e ressignifica conhecimentos, permitindo-se assim correlacioná-los com a realidade, agindo e transformando essa realidade. Ele se torna um sujeito crítico e autônomo, porque fez uma relação com os saberes.

O que eu aprendi acrescentou muito na minha vida, tanto na visão profissional como pessoal, facilitando o entendimento do mundo, fazendo sentir-me parte integrante de uma sociedade; que meus conceitos ganhassem uma nova visão; (...) Hoje reconheço em mim algumas inseguranças, mas nesta caminhada pude entender que mesmo que me sinta pronta, o aprendizado não acabou, buscar novos conhecimentos deve ser sempre um desafio para o educador,

Nessa perspectiva, tenho a convicção que as relações pedagógicas devem ser além de momentos de transmissão de conhecimentos, experiências culturais formativas, representadas pela evolução de valores e atitudes, de forma que expectativas individuais ou coletivas de aprendizado possam derrubar barreiras e preconceitos existentes, transformando o sujeito envolvido.

Os dados indicaram que toda “bagagem” de vida que o sujeito traz consigo reflete na construção do profissional, pois esses implicam em suas escolhas e decisões, ressoam nos valores e regem linhas de conduta, sendo portanto imprescindível trazê-los à tona seja em qual for a profissão, principalmente nas correlacionadas ao ato de ensinar.

Concluindo:

O memorial, na minha compreensão, acabou se tornando um enigma como relata

Meirieu (1998). Possibilitou identificar o que estava obscuro, oculto, possibilitou ainda a mediação tão importante no processo educativo. O memorial provoca o debate, a discussão e, portanto, a reflexão coletiva.

Compreendi, por meio da “escuta” dos relatos, que a atividade proposta promoveu uma relação teoria/prática, o que permitiu uma mudança/transformação dos sujeitos da pesquisa, desenvolvendo também uma formação integral dos envolvidos, como eles relataram.

Há de se considerar que o memorial provoca o debate, a discussão e, portanto, a reflexão coletiva, proporcionando aos participantes uma forma de aprendizagem, ou melhor dizendo, um caminho pelo qual ocorreu a construção de novos conhecimentos.

Para Mazzilli (1995, p. 56), “... sem dúvida, não há melhor aprendizado do que aquele que se constrói através de vivência”, porém a autora acrescenta a importância da contextualização e reflexão, caso contrário só se reproduzirá a prática social presente.

Dessa forma venho convalidar a argumentação: quando se atua para formar profissionais que irão trabalhar direta ou indiretamente com a educação, há de se considerar esse fator mencionado por Mazzilli, ou continuar-se-á formando profissionais que somente irão reproduzir o sistema e a sociedade vigentes, contribuindo para a preservação das discriminações, diferenças sociais e manutenção das minorias no poder.

Referências:

CHARLOT, Bernard (org.). *Os jovens e o saber: Perspectivas mundiais*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

FEBRÔNIO, Maria da Paixão Gois. *Formação Inicial de Professores de Educação Infantil: que formação é essa?* Santos, Universidade Católica de Santos, 2010. (Dissertação de Mestrado).

FORMOSINHO, Julia; KISHIMOTO, Tizuko M.(Orgs). *Formação em contexto: uma estratégia de interação*. São Paulo: Thomson, 2002.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. *Pedagogia como Ciência da Educação*. Campinas, SP: Papirus, 2003.

_____. *O lugar do professor na Pesquisa Educacional*. Santos: Leopoldianum, 2005.

FRANCO, M. A . R. Santoro; LIBÂNEO, José Carlos e PIMENTA, Selma Garrido. Dimensões constitutivas da Pedagogia como Ciência da Educação. *Revista Itinerários Filosóficos*. Universidade do Porto. 2009. Edições Afrontamento. ISSN: 1646-1959. Revista n. 07. 1º semestre 2009

GOMES, Marineide de Oliveira. Grupos de pesquisa/formação: potencializando o desenvolvimento profissional de educadoras de crianças pequenas. In: PIMENTA, Selma

Garrido; FRANCO Maria Amélia Santoro; GUEDIN, Evandro. (Orgs). *Pesquisa em Educação: Alternativas investigativas com objetos complexos*. São Paulo: Loyola, 2006.

GUEDIN, Evandro; FRANCO Maria Amélia Santoro. *Questões de método na construção da pesquisa em educação*. São Paulo: Cortez, 2008a.

GHEDIN, E.; ALMEIDA, M. I.; LEITE, Y. U. F. *Formação de professores: caminhos e descaminhos da prática*. Brasília: Liber Livro, 2008b.

HOUSSAYE, Jean. *Manifesto em favor dos pedagogos*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE A. M. C. *Discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos)*. 2. ed. Caxias do Sul: Educs, 2005. (Coleção Diálogos)

MAZZILLI, Sueli. *A Pedagogia Além do Discurso*. Piracicaba: Ed. UNIMEP, 1995.

MEIRIEU, Philippe. *Aprender... sim, mas como?* Porto Alegre: Artmed Editora, 1998b.

MONTEIRO, Silas B. *Para além do discurso, a escuta das vivências: uma investigação otobiográfica*. In: PIMENTA, S. G.; FRANCO M. A. Santoro; GUEDIN, E. (Orgs). *Pesquisa em Educação: Alternativas investigativas com objetos complexos*. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. *Quando a Pedagogia forma professores. Uma investigação otobiográfica*. S. Paulo: USP, 2004.

_____. Epistemologia da prática: o professor reflexivo e a pesquisa colaborativa. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Org.). *Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 111-116.

OLIVEIRA, Dayse Ferreira. *Caminhos formativos que conduzem à Pedagogia*. Cuiabá: UFMT/IE, 2009. (Dissertação de Mestrado)

PIMENTA, Selma Garrido; FRANCO Maria Amélia Santoro; GUEDIN, Evandro. (Orgs). *Pesquisa em Educação: Alternativas investigativas com objetos complexos*. São Paulo: Loyola, 2006.

PIMENTA, Selma Garrido; FRANCO Maria Amélia Santoro. *Pesquisa em Educação: Possibilidades investigativas/formativas da pesquisa-ação*. São Paulo: Loyola, 2008.